



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADE - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA JOSÉ DA SILVA APOLINÁRIO**

**ANÁLISE DO CARÁTER DO PERSONAGEM NEL SINHO NO CONTO “ÚLTIMO  
AVISO” DE DALTON TREVISAN: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

**CATOLÉ DO ROCHA/PB  
2017**

**MARIA JOSÉ DA SILVA APOLINÁRIO**

**ANÁLISE DO CARÁTER DO PERSONAGEM NEL SINHO NO CONTO “ÚLTIMO AVISO” DE DALTON TREVISAN: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueirêdo.

**CATOLÉ DO ROCHA/PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A643a Apolinário, Maria José da Silva

Análise do caráter do personagem Nelsinho no conto "ultimo aviso" de Dalton Trevisan: uma leitura psicanalítica [manuscrito] / Maria Jose da Silva Apolinario. - 2017.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação: Me.Fábio Pereira Figueiredo, Departamento de Letras".

1.Inconsciente 2.Personalidade 3.Comportamento 4. Sexualidade I. Título.

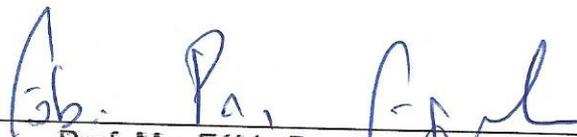
21. ed. CDD 150.1957

**MARIA JOSÉ DA SILVA APOLINÁRIO**

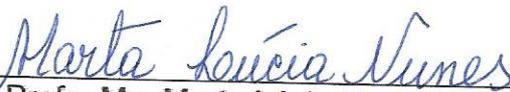
**ANÁLISE DO CARÁTER DO PERSONAGEM NELSON NO CONTO “ÚLTIMO AVISO” DE DALTON TREVISAN: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Aprovado em: 08/08/2017

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Fábio Pereira Figueirêdo  
Orientador – UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes  
Avaliadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima  
Avaliador – UEPB/CAMPUS IV

**A Minha tia, Margarida Gomes de Brito, que me apoiou nessa conquista, DEDICO.**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me proporcionado essa vitória em minha vida, fazendo-me experimentar novos horizontes, escolhas, ideias e também conhecer pessoas maravilhosas.

Em segundo, aos meus pais, Francisco Apolinário e Rita Roque, e os familiares que me apoiaram nessa jornada, principalmente, às primas, Daiana Targino da Silva e Klécia Athenas Roque.

Ao longo do curso, encontrei pessoas maravilhosas, as quais estão até hoje em minha vida, minhas colegas e amigas: Joana Dark de Lima e Joana D'arc Dutra de Oliveira.

Agradeço ao meu orientador, Fábio e seu profissionalismo.

“O tempo bom e o tempo mau estão dentro de nós, e não lá fora.”

Lin Yun-Ku

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2</b>	<b>FORTUNA CRÍTICA</b> .....	11
2.1	Sobre o autor e sua obra .....	11
2.2	O estilo de Dalton Trevisan .....	13
<b>3</b>	<b>A SOCIEDADE E O SEXO</b> .....	16
3.1	Aspectos históricos e contemporâneos .....	16
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO PERSONAGEM</b> .....	20
4.1	A personagem Nelsinho: Aspectos concisos da análise freudiana .....	20
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
	<b>ABSTRACT</b> .....	26
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	26

# ANÁLISE DO CARÁTER DO PERSONAGEM NELSINHO NO CONTO “ÚLTIMO AVISO” DE DALTON TREVISAN: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Maria José da Silva Apolinário<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho intenciona realizar uma análise de cunho bibliográfico do conto “Último Aviso” do autor curitibano Dalton Trevisan, mais especificamente acerca do comportamento do personagem Nelsinho. O trabalho visa discorrer sobre os traços do personagem, levando em consideração as pulsões inconscientes e a topologia freudiana do “Id”, “Ego” e “Superego”, modelo proposto por Sigmund Freud como partes constitutivas do Inconsciente humano. O conto em análise faz parte da obra “O Vampiro de Curitiba” lançado em 1965. Essa coletânea é composta por quinze contos, onde o personagem em estudo passeia por todos eles, sendo que, os aspectos referentes a sexualidade do protagonista ganham evidencia em todos eles. Pretendemos proceder uma análise das peculiaridades e perversões desse comportamento tão peculiar. Utilizaremos como aporte teórico para as nossas interpretações as concepções propugnadas por Sigmund Freud (1996), em que se refere aos aspectos psicanalíticos; Michel Foucault (1999), naquilo que tange aos aspectos históricos das diversas manifestações da sexualidade humana; Alfredo Bosi (1994) e Waldman (1989), no que se refere ao campo da Teoria Crítica Literária.

**Palavras-chave:** Inconsciente; Personagem; Comportamento; Sexualidade.

---

<sup>1</sup>

Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
E-mail: mariaapolinario80@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

O *Vampiro de Curitiba* (1965) é uma coletânea de quinze contos, os quais traçam um percurso distinto com estórias que englobam aspectos da condição humana, detalhada no mais desumano de sua existência. *O Vampiro de Curitiba* é uma obra que se revela através de textos que empreendem certas rupturas com o conto tradicional. Essa obra traz um único protagonista em todos os contos, a personagem Nelsinho, um sujeito cheio de artimanhas que não mede meios para conquistar seu objetivo, o amor das mulheres. Nelsinho é descrito na obra pelo narrador como sendo o herói da trama, em que verificarmos no seguinte trecho: “O herói pediu licença, sentou-se ao lado, precisava falar com ela.” (TREVISAN, 1994, p.31).

Entre os contos da obra, escolhemos como objeto de estudo o conto: “Último aviso”, que traz a estória de Nelsinho, um homem que segue e persegue uma mulher chamada Odete, a qual é casada e sair com outro homem. Nelsinho os seguem até o cinema, aonde o mesmo busca um local perto dos dois para conseguir ouvir a conversa. Em um dado momento quando o acompanhante dela sai, Nelsinho se aproxima de Odete e se apresenta. Nesse momento, Nelsinho começa a paquerar ela, ignorado ele ameaça contar tudo para o marido de Odete, mas ela não dá muita importância, e vai embora. Furioso com o desprezo da mulher, Nelsinho cumpre a ameaça, e liga para o marido dela, contando da traição. Em seguida, escreve uma carta para o suposto amante, dizendo que ele o matará se o sujeito continuar saindo com Odete.

O corpus de nosso trabalho é o conto “Último aviso” de Dalton Trevisan, em que analisaremos o comportamento da personagem Nelsinho, um homem que persegue e assedia as mulheres para conseguir saciar seu desejo por sexo, mediante a esse tipo de comportamento, discutiremos o conto em destaque sobre as instâncias do inconsciente proposto por Freud. Essas três instâncias são a base da construção do comportamento humano, quais sejam: o Id, o Ego e o Superego.

A base teórica que apoia nosso trabalho é fundamentada nos conceitos de Freud (1996), Waldman (1989), Foucault (1999), entre outros.

Na primeira parte do trabalho, falamos “Sobre o autor e sua obra”, apontando a fortuna crítica e, ainda, salientando a posição de contista de Dalton Trevisan. E também, ressaltamos os comentários que o inserem como escritor, cuja visão de mundo remete para uma crítica social, já que seus textos descrevem estórias que englobam o cotidiano dos homens.

No segundo momento, elaboramos um breve relato sobre “A Sociedade e o sexo”, que teve Foucault (1999) como base fundamental para essa discussão, trazendo, assim, citações que embasam a temática em questão. Foucault (1999), aborda em seu livro: *História da Sexualidade I*, uma discussão sobre o conceito da sexualidade em diferentes épocas da sociedade. Relatos que nos fazem refletir acerca de como era tratado o sexo.

Foucault nos proporcionam uma visão histórica das práticas sexuais na sociedade em sua realização e transformação. Ainda nesse ponto, utilizamos os *Três Ensaios sobre Sexualidade* proposto por Sigmund Freud (1996), em que foi abordado os princípios da sexualidade humana. Isso para entendermos melhor o conto “Último aviso” e a personagem Nelsinho.

No terceiro ponto, construímos a “Análise do personagem”, em que abordamos o comportamento do protagonista Nelsinho, entre outras personagens secundárias no conto. Compreendemos ainda que, Nelsinho se apresenta no conto como um sujeito intimidador.

Neste sentido, nos apegamos as teorias freudianas para o esclarecimento da personalidade do personagem. Apontando aspectos que mostrem indícios desse tipo de comportamento expressado por Nelsinho, e outros personagens. Mostrando também apontamentos que estão restringindo a atitude do protagonista diante das mulheres.

Ao longo da nossa análise, procuramos responder às seguintes questões:

- Por que a personagem Nelsinho exibe esse tipo de comportamento obsessivo por sexo?
- Por que Nelsinho persegue as mulheres?

Diante destas questões, construímos nosso trabalho, uma discussão calorosa e direta nos mais sombrios detalhes do inconsciente humano.

## 2 FORTUNA CRÍTICA

### 2. 1 Sobre o autor e sua obra

Dalton Trevisan nasceu na cidade de Curitiba em 14 de junho de 1925, formado em direito, é um escritor que não faz concessões: não gosta de dar entrevistas, não se deixa fotografar, não fala com leitores, e nem vai receber os prêmios. Participou ativamente na organização da revista Joaquim entre 1946 a 1948, em que publicou vários textos, incluindo Sonata ao luar (1945) e sete anos de pastor (1948). Trevisan também publicou Novelas nada exemplares (1959), Morte na praça (1964), Cemitério de elefantes (1964) e O Vampiro de Curitiba (1965). Em 1968, Trevisan conquistou o primeiro lugar do I Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, e ganhou em 2012, o prêmio Camões pelo conjunto da obra. E ainda, publicou A guerra conjugal (1969) que viraria mais tarde em filme, e fez um único romance, A polaquinha (1985).

Dalton Trevisan conta com uma vasta e significativa obra, e é tido como um dos mais importantes contistas contemporâneos da literatura brasileira. Sua obra, *O Vampiro de Curitiba* lhe rendeu o apelido por ser uma pessoa inclusa.

*O Vampiro de Curitiba* é uma narrativa que detalha o mundo, num estado de imundície, sem nenhuma expectativa de vida, em que são apresentados os conflitos amorosos, cuja mulher é tida como um objeto de desejo, sendo caçada incansavelmente, por Nelsinho. Nelsinho é o protagonista que segue, persegue e assedia as mulheres, numa caçada implacável pelo amor de todas elas. Narrada em tempo cronológico, a obra *O Vampiro de Curitiba* não aponta tempo passado e nem recorrente, como flashback ou outro truque narrativo com relação ao tempo.

Dalton Trevisan escreve sua obra a partir de aspectos e habitantes da cidade de Curitiba, criando personagens e situações que aproximam das características universais, cujas tramas psicológicas e costumes são construídos por meio de uma linguagem concisa e popular, valorizando, assim, os incidentes do cotidiano como: o sofrimento e a angústia.

As suas curtas e irônicas histórias causam aparições insólitas. São revelações em lampejo, momento, que em poucas linhas de diálogo faz projeção artística desse mundo pequeno, que é Curitiba, revelada, desnudada em diretas e sutis narrativas

que descrevem em seus contos um cenário, em que cada uma das narrativas relatam um mundo mundano e pecaminoso, cujo representante destes males é a personagem Nelsinho.

Para Waldman (1989), Dalton Trevisan é um autor que constrói sua obra num percurso que traça o itinerário de uma busca pelo ininterrupto, revelada na repetição de circunstâncias, de personagens, de um assunto que se intensifica em voltas contínuas.

[...] a obra do autor curitibano desenha o itinerário de uma busca incessante. Busca que se faz não por caminhos divergentes e sucessivamente demolidores, mas pela repetição exaustiva de um mesmo mote em voltas infindáveis. Histórias que se repete na outra, busca que progride e não avança, história que se procura a si mesma. Interminável? Esse discurso reiterado, transcurso, que se inlete para apanhar o sempre igual da figura humana [...]. (WALDMAN, 1989, p.1)

De acordo com Waldman (1989, p.11) “os vampiros de Dalton Trevisan se constituem numa multidão de funcionários públicos, lojistas, prostitutas, donas de casa, domésticas, profissionais liberais”, montando uma cena ficcional num universo sem saída, objetivando, entre nós, a negatividade de uma obra construída segundo a melhor tradição literária no mapa da narrativa contemporânea.

Waldman (1989, p.11-12) também considera que “Trevisan coloca suas personagens numa relação a dois, de casal. Posto lado a lado, carrasco e vítima identificam-se [...] e é essa identificação exasperante que dá à obra de Dalton Trevisan a dimensão do terrível [...]”.

Neste sentido, Waldman (1989, p.12) ainda esclarece que as personagens de Trevisan “são a resposta da mitologia de que se impregnaram e que as criou, mas como criação vampiresca, reproduzindo-as a peças silenciosas de um espetáculo sempre igual, indiferenciado e terrível: o do cotidiano.” O cotidiano descrito nas obras de Dalton Trevisan é a sua marca, seu estilo e sua inspiração.

Segundo Araújo (1981) Dalton Trevisan tem um faro em descrever situações do cotidiano e que seus olhos possuem lentes de aumento e de outros sentidos aguçados. Assim, concluímos que a obra de Dalton Trevisan é um molde de estórias que refletem as conflituosas relações humanas, cujo mundo é sua inspiração.

## 2.2 O estilo de Dalton Trevisan

Dalton Trevisan é um contista contemporâneo, em que os escritores escrevem sobre os conflitos da humanidade. Para falarmos de contemporaneidade temos que entender o seu significado. Assim, Schollhammer (2009) apud Giorgio Agamben (2008) que retoma a leitura de Barthes, ressalta que o contemporâneo se aproxima ao intempestivo, e como tal, escreve acerca:

“o contemporâneo é o intempestivo” [...] o que significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.09-10)

Para Schollhammer (2009, p.10) a literatura contemporânea não representa apenas um aspecto da realidade do homem, mas da história, cuja concepção dessa “compreensão da história atual como descontinuidade e do papel do escritor contemporâneo na contramão das tendências afirmativas, talvez seja possível entender alguns dos critérios implícitos que determinam quem faz sucesso [...]”

Como na literatura contemporânea, a escrita de Dalton Trevisan, nos contos aborda um estilo conciso com flagrantes do cotidiano, do ambiente doméstico e da marginalidade, que nos conduzem a uma melhor compreensão da peculiaridade da escrita e da sociedade.

Alfredo Bosi (1994) explica a função do conto contemporâneo como:

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, aspectos da fantasia e as seduções do jogo verbal, eles tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase documento folclórico, ora a quase crônica da vida urbana, ora quase drama do cotidiano burguês, ora o quase poema do imaginário as soltas, ora, enfim, grafia brilhante preciosa voltada às festas da linguagem. (BOSI, 1994, p.7)

Para Coutinho (1978, p.31) o conto é um gênero de ficção, isto é, “uma forma artística pela qual o escritor engloba numa estória as suas ideias e sentimentos acerca da vida”. Ou seja, Dalton Trevisan incorporou em suas narrativas fatos construídos em parte, a partir de experiências vividas ou presenciadas na sua vida social.

Neste sentido, Coutinho (1978) ainda diz que:

[...] a ficção distingue-se da história e da biografia nisso que elas são narrativas dominadas por fatos reais. A ficção mesmo quando recebe sugestões do real, não tem por obrigação copiá-los, reproduzi-los fielmente. Não há dúvida que a ficção tem raízes na experiência humana. Mas o que a distingue das outras formas é que ela é uma transmutação ou transfiguração da realidade. [...] Seu objetivo principal é proporcionar essa interpretação artística da realidade. (COUTINHO, 1978, p.32)

A ficção estabelece uma relação com as experiências humanas, assim, Coutinho (1978, p.31) ressalta que a “ficção é o produto da imaginação, [...] suas raízes mergulham na experiência humana. Mas o que a distinguem das outras formas de narrativas é [...] feito pelo espírito do artista [...]” Cujo laboratório não restringe somente há um simples retrato da vida real, mas da interpretação artística da realidade.

Proença Filho (2004) fala que na ficção do Brasil no período de 1950, o conto ganhou originalidade devido à temática variada que vai desde a caracterização de problemas cotidianos aos espaços do imaginário aberto, e se renovou graças ao trabalho de escritores como Dalton Trevisan, que se utiliza de:

Fato auspicioso é ainda a emergência do conto, tão pouco cultivado no modernismo, que avulta notadamente a partir dos anos 60 e continua presença viva na atualidade, com um grande número de propostas marcadas por recursos inéditos e renovadores. (PROENÇA FILHO, 2004, p.388)

Sobre essas características de detalhar os acontecimentos que remetem as condições humanas, que se formou nos anos 60 no Brasil, devido a um modo de escrever recente sobre a realidade dos homens. Bosi (2015, p.19) diz que o estilo de Trevisan não seria brutal nas cenas de violência, já que o país começou a viver numa “nova explosão de capitalismo selvagem, tempo de massas, tempo de

renovadas opressões, tudo bem armagamassado com requintes de técnicas e retornos delicados a Babel e Bizâncio.”

A obra de Dalton Trevisan aborda uma linguagem reduzida, que incorpora o não dito, o implícito, indo na contramão da linguagem, e assim, emperrando o seu próprio curso. Pensando nisso, Waldman (1989), faz uma abordagem da escrita na obra de Dalton Trevisan, em que meio ao acaso, Trevisan se utiliza de elipse, de pausa, de corte abrupto, das frases reduzidas, para compor suas fortes marcas, as quais descrevem seu próprio estilo.

Segundo Waldman (1989) o uso de clichê nas narrativas de Dalton Trevisan proporciona um estranhamento no corpo de seus textos como:

O uso do clichê como elemento construtivo articulador da linguagem de Dalton Trevisan é outro dado que remete ao estranhamento do vazio no corpo da narrativa. Fala fadiga, o molde não remete a um ato individual de percepção que se coloca frente a um elemento único da experiência. Ao contrário, ele promove a diluição desses caracteres circunstanciais e irreduzíveis, anulando a observação original de um objeto específico, reorganizando-o sob a forma de estereótipo. Assim, o uso de diminutivos, de frases feitas, letras de hinos pátrios, músicas populares, cartas escritas sob a inspiração do Consultório Sentimental, construções calcadas na imprensa marrom e em relatórios policiais, tiram de cena o sujeito do discurso e lançam a figura do reprodutor de discursos já elaborados. (WALDMAN, 1989, p.24-25)

Dalton Trevisan institui outro princípio acerca da realidade humana que é através do estranhamento, apesar da proximidade que mantêm com sua matéria. Ou seja, só quando quebra com o existente, a ficção realiza sua função cognitiva, comunicando sensações, intuições, “verdades” que o mais das vezes não são transmissíveis de outro modo.

Para Gomes (1980, p.97) Dalton Trevisan atribui um papel importante na divulgação de certos tabus acerca da sexualidade abordada numa literatura. Uma vez que sua obra tinha produzido um efeito altissonante “no leitor através de um estilo bombástico e de um conteúdo, na maioria das vezes, carregado em si mesmo de nobreza.”

Neste sentido, Waldman (1989, p.67-68) ressalta que Dalton Trevisan trabalha o sexo na sua obra *O Vampiro de Curitiba* em todas as faixas etárias, desde a infância, percorrendo a adolescência, que foi quando a sexualidade de Nelsinho

que se “traduz num tormento narcísico [...]. É essa tecla narcísica, que evidenciará no interior do casamento e fora dele [...] motivação que levará à violência sexual.”

Para Candido (1999, p.92) “Dalton Trevisan [...] encontrou um modo pessoal de desmascarar a grande cidade como uma espécie de floresta misteriosa, onde a vulgaridade, a violência, o prosaísmo se traduzem em narrativas curtas de grande impacto.” Cujas histórias são repelentes, grotesca, pavorosas, marginais, provincianas, que perpassam os contos de modo surpreendente e experimental. Trazendo para sua obra, aspectos da cidade de Curitiba, de seus estreitos e confinados horizontes. Fazendo de seus contos uma análise penetrante e amarga das relações humanas.

A obra, *O Vampiro de Curitiba* predomina uma linguagem coloquial com termos vulgares, marcada de aspectos indiscreto em detalhes psicológicos e da malíssima índole da imaginação, em que cada conto ou episódio aflige na ironia e sarcasmo; às vezes usa o diminutivo no nome de personagens para debochar e tirar proveito da situação.

Esse estilo de Trevisan mostrar os fatos do cotidiano, nos aspectos grotescos da condição humana, em que a existência do homem é apontada por momentos, detalhado em acontecimentos sem um final feliz. Concebendo apenas instantes de felicidades, pois num fim as pessoas são infelizes.

### **3 A SOCIEDADE E O SEXO**

#### **3.1 Aspectos históricos e contemporâneos**

Na Sociedade em que vivemos, ainda existe algum tipo de preconceito relacionado ao sexo, que apesar de estarmos em pleno século XXI, as pessoas evitam falar sobre esse assunto. Para Foucault (1999, p.09), a sexualidade é reclusa ao quarto do casal, onde ela “é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal e confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei”.

Nesta fala, Foucault (1999) refere-se a um pensamento conservador de uma época cuja moral e os bons modos ditavam a lei. Mas com o passar dos anos, a

literatura começa a acompanhar ou a ditar conceitos e, tendências a serem seguidas. Para Schollhammer (2009, p.10) o escritor contemporâneo “parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, seu presente.” Já que a literatura contemporânea é marcada pela diversidade de temas, assim, abordar ou explicitar questões em torno do sexo, não é algo pecaminoso segundo a boa moral. Criando obras que perpassam as tendências conservadoras da sociedade, em que o sexo não se limita ao quarto do casal, e que a realidade não está tão distante da que conhecemos.

No entanto, Foucault (1999, p.11-12) esclarece que a sociedade impõe certos limites e rupturas com relação a sexualidade que “se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho [...]. O sexo e seus efeitos não são, talvez, fáceis de decifrar; em compensação, assim recolocada, sua repressão é facilmente analisada.”

Foucault (1999, p.56) enfatiza que o sexo é descrito na sociedade como algo ruim, pecaminoso. Ou seja, “nessa história não está no fato de terem tapado os próprios olhos ou os ouvidos, ou enganado a si mesmos”.

Neste sentido, Foucault (1999) afirma que o discurso acerca do sexo:

[...] já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito; e que, se trouxe consigo interditos e proibições, ele garantiu mais fundamentalmente a solidificação e a implantação de todo um despropósito sexual. Não obstante, tudo isso parece ter desempenhado, essencialmente, um papel de proibição. De tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo [...]. Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo — o dos cientistas e dos teóricos — não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticulosas e análises detalhadas, como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo. (FOUCAULT, 1999, p.52-53)

Sobre as discussões que Foucault propõe sobre a sexualidade, resolvemos trazer para a nossa análise um breve relato acerca das fases do desenvolvimento sexual proposto por Sigmund Freud.

Para Freud, o psiquismo humano parte do pressuposto de uma necessidade que se forma a partir do nascimento, mediante a interação entre as sensações corporais da criança, acometida por todo tipo de necessidades biológicas.

Neste sentido, Freud descobriu que três das cinco fases do desenvolvimento sexual humano, se diferenciam das demais, pelos órgãos e objetos de sentir prazer ou pelos seres que dão prazer. Essas fases são: a fase oral, a fase anal e a fase fálica, que se desenvolvem entre os primeiros meses de vida da criança e os 5 ou 6 anos, e estão relacionadas ao desenvolvimento do Id. Todos temos, em menor ou maior grau, condutas, traços e mecanismos que se desenvolvem em alguma das fases do desenvolvimento psicosexual. Apenas quando um conjunto deles domina obviamente sobre os demais pode-se dizer de personalidade oral, anal ou fálica.

Essas fases psicosexuais interferem bastante nos tipos de personalidade que a criança começa a desenvolver em seu caráter, seja através de experiências vividas ou de repreendidas ou reprimidas. As crianças que por alguma razão se detêm em seu desenvolvimento emocional se firma em qualquer uma das três fases, o resultado são tipos e subtipos de personalidade correspondente.

Segundo Freud (1996, p.169) a fase oral se caracteriza pelo primeiro ano e meio de vida, em que o prazer está na sucção, “que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca”, onde o desejo e o prazer localizam-se primordialmente, depois na ingestão de alimentos, no seio materno, na mamadeira, na chupeta, e os dedos são objetos de prazer. O tipo oral: (1) Oral receptivo: pessoa dependente, que aguarda que tudo lhe seja dado, sem nenhuma reciprocidade; (2) Oral sadístico, não aguarda que alguém lhe dê voluntariamente qualquer coisa. Decide-se a utilizar a força e a astúcia para obter o que almeja. Normalmente é explorador e agressivo.

Conforme Freud (1996) a fase anal vai até os 3 anos de idade, cujo prazer está associado a expulsão, defecação ou retenção das fezes, assim:

As crianças que tiram proveito da estimulabilidade erógena da zona anal denunciam-se por terem as fezes até que sua acumulação provoca violentas contrações musculares e, na passagem pelo ânus, pode exercer uma estimulação intensa na mucosa. Com isso, há de produzir-se sensações de volúpia ao lado das sensações dolorosas. Um dos melhores presságios de excentricidade e nervosismo posteriores é a recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprover a ele próprio. Naturalmente, não é que lhe interesse sujar a cama; ele está apenas providenciando para que não lhe escape o dividendo de prazer que vem junto com a defecação. (FREUD, 1996, p.175)

Na fase anal, as crianças sentem prazer em reter ou defecar as fezes, ou ainda na manipulação delas, ou seja, brincar com suas próprias fezes. A satisfação que muitas crianças têm em brincar com as próprias fezes pode progredir para o seu oposto, resultando numa inclinação para a ordem e para a limpeza. O tipo anal sadístico: é uma pessoa impulsiva, avarenta, sórdida. Sua segurança está no isolamento. São pessoas ordenadas e metódicas, parcimoniosas e obstinadas. No conto, “Último aviso”, Nelsinho se assemelha ao tipo anal sadístico, já que seu comportamento reflete esse tipo de personalidade, no trecho seguinte:

\_ Como é? Posso falar com você? Sabia que seu marido tem amante? Sabia que eles se encontram à noite? Ainda não sabe, não é? Já vi os dois juntinhos em tantos lugares. [...] Cuidado com essa aventureira, que se entrega a ele de olho fechado. Quer um conselho, Odete? Olhe, você dê o desprezo. Faça com ele o mesmo que ele lhe faz. (TREVISAN, 1994, P.31)

Freud (1996) enfatiza que a fase fálica ocorre por volta dos 3 a 4 anos de idade, quando o prazer e o desejo está localizado nos órgãos genitais e nas partes do corpo que excitam tais órgãos, em que:

As crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glândula, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro da bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreção que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais desta zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual “normal”. (FREUD, 1996, p.176)

O tipo genital (fase fálica): refere-se a uma pessoa absolutamente desenvolvida e equilibrada. São pessoas seguras que negam em si mesmas as carências e as deficiências normais que todos temos. Esses homens ou mulheres aparentam poder tudo e, não sofrem com as limitações que outros têm. As pessoas fálicas conseguem obter sua gratificação quando ocupam postos de liderança e se afirmam ao possuir.

Conforme Freud (1996) o período de latência corresponde à pré-adolescência, em que trata de uma relativa estabilidade, que

[...] mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de

vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. (FREUD, 1996, p.167)

A fase genital ocorre na adolescência, em que estabeleci uma relação de amor mais altruísta, um amor cujo objetivo é a felicidade do ser amado, e a sua própria, numa relação mútua satisfatória. Nessa fase os impulsos libidinosos deixam de ser voltados para os pais e passam a ser dirigidos para pessoas que se assemelham com eles próprios.

Segundo Freud (1996, p.196) a fase genital “surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital.”

Freud, ao expor seu trabalho sobre a sexualidade humana, modificou toda uma visão de mundo em relação ao sexo, gerando alvoroço, já que sua obra não foi bem-vista pela sociedade da época. Mas para Freud, a sexualidade ia muito além dos órgãos genitais, pois tudo diz respeito com o corpo e a satisfação de suas necessidades.

## **4 ANÁLISE DO PERSONAGEM**

### **4.1 A Personagem Nelsinho: Aspectos concisos da análise freudiana**

Freud em seu livro *O Ego e o Id*, oferece uma descrição da mente humana e de seu funcionamento. Sua teoria sobre a personalidade dos homens, a qual trata o comportamento humano em três estruturas: o Id, o Ego e o Superego, que são conceitos que visam esclarecer o funcionamento da mente humana, considerando aspectos conscientes e inconscientes. Essas três instâncias seriam partes da mente que integradas, atuam em conjunto para determinar e coordenar o comportamento dos homens.

Entre essas instâncias, o Id, ou Isso existe desde o nascimento, sendo regido pelo princípio do prazer. Assim, se num adulto predominar o id, o sujeito terá dificuldades em adaptar-se às limitações que a realidade lhe impõe, mostrando baixa resistência para as frustrações.

No conto, a personagem Nelsinho demonstra um comportamento ligado ao id, que para Freud (1996) há dois caminhos para que o id penetre no ego.

Um é direto, o outro é por intermédio do ideal do ego; seja qual for destes dois caminhos tomado, pode ser de importância decisiva para certas atividades mentais. O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles para a inibição deles. Nesta realização, grande parte é tomada pelo ideal do ego, que, em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra processos instituais do id. (FREUD, 1996, p.70)

Freud (1996, p.70) ainda ressalta que “Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id.” Caso em que ocorre com a personagem Nelsinho quando se aproxima de Odete, e ela o ignora. Mesmo ignorado, o rapaz continuava a insistir:

O herói pediu licença, sentou-se ao lado, precisava falar com ela.  
 \_ Está louco? Sabe que sou casada.  
 Por ele não fazia diferença.  
 \_ Olhe que chamo o guarda.  
 \_ Aí, safadinha, pensa que não vi?  
 \_ Não tem nada com minha vida.  
 \_ Eu não. Teu marido pode ter.  
 \_ Se disser alguma coisa, conto que me perseguiu.  
 \_ Isso é velho. De você eu sei coisas do arco-da-velha. (TREVISAN, 1994, p.30-31)

Quando o Id não consegue saciar seu desejo, ou seja, é reprimido, a pessoa começa ficar ansiosa; no conto, encontramos um trecho que condiz com essa personalidade: “Muito nervoso, alguma desgraça.” (TREVISAN, 1994, p.32)

O estado nervoso de Nelsinho em relação a sua frustração por não conseguir obter sucesso com Odete, faz com que Nelsinho busque na vingança um amparo para suas aflições.

Aquela hora o nosso herói telefonava para o marido:  
 \_ Boa tarde, seu Artur. Como foi de viagem?  
 Viajar é bom \_ quando a mulher fica em casa.  
 \_ Aqui é um amigo. O nome não interessa. O caso é delicado. Não sei o que diga. Por onde começa. O marido viaja, a mulher fica em casa de namoro. O senhor não merece essa falseta? Vou contar o que sei. A sua mulher ... Ela tem um amante!  
 \_ Canalha! [...] Você prova, seu palpite? Então, diga. Quem é que anda com minha mulher?  
 \_ Um tal de doutor Múcio. (TREVISAN, 1994, p.32)

E em seguida, Nelsinho escreve uma carta com ameaças para o amante de Odete, Dr. Múcio, a qual diz:

No súbito silêncio, [...] Nelsinho desligou. Da folha branca alisou as rugas. Grande sorriso até o fim da carta, em letra de forma, com a mão esquerda:  
Dr. Múcio  
Grande filho da mãe  
Previno-te cuidado! Cuidado!  
De hoje em diante vou te perseguir [...] Se continuar tirando a honra das mulheres casadas [...] Tenho coragem de tirar teu miolo fora  
Talvez você não alcance o Ano Novo  
Farei uma limpeza em Curitiba  
Eu só desejo a vingança  
Derramarei o sangue deste desgraçado na rua  
Cuide do teu pêlo  
É o último aviso. (TREVISAN, 1994, p. 32-33)

Esse tipo de comportamento que Nelsinho exerce com relação a rejeição, demonstra que o protagonista não aceita ser ignorado, e busca na vingança uma forma de saciar sua frustração.

Segundo Freud (1996) esse tipo de atitude tem explicação, é o mecanismo de defesa do ego que consiste em processos inconscientes que permitem à mente encontrar uma solução para os conflitos não resolvidos ao nível da consciência. Ou seja, a transformação da libido do objeto em libido narcísica provoca um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização, isto é, uma espécie de sublimação. A sublimação não está relacionada com a mediação do ego, que implica na transformação da libido sexual em narcísica e, em seguida, possivelmente, passa a oferecer-lhe outro objetivo.

De acordo com Freud (1996, p.167) o “desvio das forças pulsionais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas”, recebe o nome de sublimação, a qual obter componentes poderosos para todas às realizações culturais, pondo em jogo o mesmo processo no desenvolvimento de cada indivíduo. Freud (1996) explica que:

A defusão do amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego. (FREUD, 1996, p.69)

Segundo Freud (1996, p.69) “Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição.”

O Ego, ou Eu é regido pelo princípio da realidade, em que avalia as situações, fazendo planos e tomando decisões, assim, estabelecendo uma solução de compromisso entre o desejado e o possível. O Ego serve de interlocutor entre o impulsos procedentes do Id, cujas limitações serão impostas com relação ao contexto, a razão e as exigências do superego.

Neste sentido, Freud (1996) esclarece que o ego busca aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e estimula-se por substituir o princípio de prazer, que governa irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. O ego retrata o que pode ser denominado de razão e senso comum, em discordância com o id, que contém paixões.

Freud (1996) também ressalta a importância funcional do ego que está no fato de se manifestar, frequentemente no

[...] controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir, da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (FREUD, 1996, p.39)

Uma pessoa com o ego forte são realistas, estáveis e capazes de enfrentar a realidade. Um ego frágil são pessoas com baixa tolerância à frustração, fáceis de perturbar, vulnerável aos sentimentos e insatisfeitas.

No conto, encontramos traços deste tipo de comportamento, em que Odete fala para a mãe sobre o incidente e a velha a aconselha: “Aconselhada pela velha a nada revelar ao marido.” (TREVISAN, 1994, p.32).

E ainda: “Odete insistia, olhos sonhadores, na loucura do rapaz.” (TREVISAN, 1994, p.32). Trecho em que Odete começa a pensar nas palavras de Nelsinho, em

pagar com a mesma moeda a traição do marido. “Quer um conselho, Odete? Olhe, você dê o desprezo. Faça com ele o mesmo que lhe faz.” (TREVISAN, 1994, p.31)

O Superego, ou Ideal do ego, é encarregado de interiorizar os conceitos de bom e mau, os quais são constituídos a partir das indicações, regras, proibições e valores que os pais e o ambiente impõem à criança. Uma pessoa com o superego forte e o ideal do ego elevado, torna-se um sujeito perfeccionista, cujo menor erro, sente-se fracassado. Assim, enquanto o ego busca moderar e atender a necessidade instintiva de gratificação do id, o superego trabalha excessivamente para bloqueá-la. Se o superego impõe ao ego, o resultado será uma personalidade autoexigente, inflexível, escrupulosa e moralista.

De acordo com Freud (1996, p.49), o superego surge na infância e:

[...] não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘*Você deveria ser assim (como o seu pai)*’. Ela também compreende a proibição: ‘*Você não pode ser assim (como o seu pai)*, isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo [...]. (FREUD, 1996, p.49)

Neste sentido, Freud (1996, p.49) afirma que o superego guarda o caráter do pai, ao mesmo tempo que “quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão [...] mais severa posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência [...] ou [...] de um sentimento inconsciente de culpa.”

Para Freud (1996) o superego tem sua origem em dois fatores um de natureza biológica e o outro de natureza histórica, cuja duração prolongada, no homem, do desamparo e da dependência de sua infância, tem relação com seu complexo de Édipo, que está vinculado à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim, dando início ao bifásio da vida sexual do homem.

No conto, presenciamos o superego em ação quando Odete chega em casa e conta o ocorrido para sua velha mãe, em que a mesma aconselha a filha, e diz: “\_Não se pode ir sozinha ao cinema.” (TREVISAN, 1994, p.32) E “[...] nada revelar ao marido.” (TREVISAN, 1994, p.32)

O comportamento conservador da mãe de Odete em relação a situação da filha, é um reflexo dos bons modos de uma sociedade, condizendo com as atitudes do superego.

Freud, ao escrever sua obra sobre funcionamento da mente, visa descrever o comportamento do homem, em torno de sua teoria, as quais visam esclarecer as atitudes e as divergências humanas.

De acordo com nossas análises, as teorias freudianas nos proporcionaram um julgamento de valor, cujo designio esclareceu fatos e atitudes do comportamento de Nelsinho no conto “Último aviso” de Trevisan.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho proporcionou suscitar uma discussão sobre o inconsciente humano segundo a teoria freudiana, cujo desígnio é descrever e entender o comportamento dos homens. Embasado nos conceitos de Freud, o nosso trabalho analisou o conto, “Último aviso” nas instâncias: Id, Ego e Superego; em que a personagem Nelsinho foi o destaque de nossa discussão.

Foi possível percebermos ao longo deste trabalho, que o conto “Último aviso” mostra aspectos da personalidade humana, em que seus personagens apresentam resquícios de comportamento relacionados as estruturas da mente.

A obra, *O Vampiro de Curitiba* de Dalton Trevisan descreve Nelsinho, como sendo o herói da trama, cujo enredo é voltado para si, em que se vivencia uma busca incessante de um homem pelo amor das mulheres.

*O Vampiro de Curitiba* é uma obra que aborda aspectos do mundo moderno como as misérias do cotidiano, e também traz traços intimistas, que dão às suas histórias um desfecho aparentemente vago, mas permitindo ao leitor vivenciar e compreender o drama das personagens que vivem atormentadas, destruídas e perdidas entre os atos banais de uma existência vazia e medíocre.

O nosso trabalho visa acrescentar conceitos acerca da importância de obras contemporâneas, no sentido de agregar expectativas de novos olhares de um mundo real, ao qual estamos acostumados vivenciar no dia a dia. Assim,

esperamos, que este trabalho sirva de incentivo para outras leituras que atentem para obras contemporâneas, observando as suas relações com a realidade.

## ABSTRACT

These presente academic work tries realize an a bibliographical analysis of a short story called "Último Aviso" of a brazilian writer Dalton Trevisan, especifically about a conduct of a character "Nelsinho", the work intents describe the personality and inconscientes pulsions of him, take a freudian and topology theory of inconsciente named: "Id", "Ego" e "Superego". These short narartive is published in a anthology called "O Vampiro de Curitiba" (1965). These anthology is composed for fifteen short stories and "Nelsinho" appears at all. we pretend to do a analsys of sexual pervetions of character, for our studies we uses the theories of Sigmund Freud (1996) observes phisicolgical aspects, Michel Foucalt (1999) that analyzes historical aspects of human sexuality, and, finnaly, Alfredo Bosi (1994) e Waldman (1989) about Theory of Literature.

**Key-Words:** Inconscient; Characters; Comportament; Sexuality.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, J.S. Posfácio. IN: Trevisan, Dalton. *A Trombeta do Anjo Vingador*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

BOSI, A. *História concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 2015. [https://issuu.com/grupoeditorialpensamento/docs/1\\_cap\\_tulo\\_-\\_o\\_conto\\_brasileiro](https://issuu.com/grupoeditorialpensamento/docs/1_cap_tulo_-_o_conto_brasileiro) Acesso em: 20/06/2016

COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. Antonio Candido. \_3 ed. São Paulo: humanistas/FFLCH/USP, 1999. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Candido,%20Antonio/Inicio%C3%A7%C3%A3o%20-%20Literatura%20Brasileira%20-%20Antonio%20Candido.pdf>> Acesso em: 25/06/2016

FREUD, S. *Três Ensaios sobre Sexualidade*. IN: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edições standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

\_\_\_\_\_. *O ego e o Id*. IN: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edições standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. Disponível em: <<https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/historia-da-sexualidade-1-a-vontade-de-saber.pdf>> Acesso em: 06/07/2015.

GOMES, Á. *Dalton Trevisan – Literatura Comentada*. São Paulo: 1981.

PROENÇA FILHO, D. *Estilos de época na literatura*. São Paulo: Ática, 2004.

SCHOLLHAMMER, K.E. *A Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=CHOLLHAMMER,+2009> Acesso em: 26/09/2016.

TREVISAN, D. *O Vampiro de Curitiba*. 15ª ed. Ver. Rio de Janeiro: Record, 1994.

WALDMAN, B. *Do vampiro ao cafajeste: uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.